Ano V — Lisboa, Novembro de 1949 — N.º 55

# SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA—LISBOA

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

## O ESCOTISMO EM FACE DA MEDIOCRIDADE

A mediocridade, esse estado mórbido parente do indiferentismo, qualidade de todo aquele que se situa aquém da eficiência, do merecimento, é sem dúvida, um dos grandes males da nossa época.

O medíocre, o que não é mau mas não chega a ser suficiente, o indeciso entre o vício e a virtude, entre o fraco e o forte, o *águas-mornas*, é o tipo vulgar de hoje. Confessam-no todos aqueles que na vida pública, nas profissões, e em todos os outros sectores da vida humana têm de seleccionar indivíduos.

Nas poucas vezes em que não é o «empenho» a tradicional «cunha», o padrão que classifica méritos, verifica-se que a mediocridade é nível quase geral, porque os que atingem o suficiente tanto escasseiam, que se encontram absorvidos. Mas, curioso paradoxo, é exactamente o medo da mediocridade uma das causas mais frequentes desse mesmo estado de insuficiência. É que se confunde mediocridade com modéstia; confunde-se com ela o desempenho de funções humildes, de tarefas simples, de cargos obscuros, e todos procuram, por isso, ocupar-se em funções de destaque, em tarefas de relevo, cargos de notoriedade. E essa fuga ao conceito temido, conduz o indivíduo a posições para que não tem vocação, gera a insuficiência. É que medíocre será aquele que no desempenho de uma missão, na execução de uma tarefa, se revele inepto, não atinja a eficiência, e nunca aquele que empregando a sua actividade num serviço considerado humilde, a desempenhe com zelo e perfeição, num esforço constante por produzir melhor. Mas, mesmo, não há tarefas humildes, profissões baixas. Todo o trabalho enobrece desde que seja executado com amor, com interesse, com competência. A sociedade não precisa apenas de *doutores*, que muitas vezes nada mais possuem que o diploma, mas de trabalhadores eficientes, habilitados, úteis, seja qual for a esfera em que sirvam.

Medíocre é também aquele que hesita entre o caminho escabroso e o caminho recto, o homem sem coragem para assumir uma conduta digna, presa fácil de todas as tentações, escravo de hábitos inferiores, que se tornarão vícios.

Não é menos medíocre aquele que limita o seu interesse àquilo que é material, esses indiferentes que caminham no mundo ignorando tudo o que é actividade do Espírito, olhando a terra, presos ao dinheiro, aos interesses e negócios, incapazes de lançar um olhar de carinho em seu redor, e muito menos alargar as vistas para apreciar as maravilhas da criação e levantar a cabeça para louvar a Deus e agradecer-lhe o dom precioso da vida e

*(Conclui na 2.ª página)*

## A 12.ª Conferência Internacional de Escotismo e o Movimento dos Antigos Escoteiros

*Uma Comissão de Antigos Escoteiros interessados na organização de Associações de Antigos Escoteiros, seja como corpos separados ou como ramos do Movimento Escotista Nacional, está estudando a possível formação de uma Associação Mundial de Antigos Escoteiros. O objectivo principal de tal Associação seria manter o espírito escotista dos membros, levar esse espírito para as comunidades em que vivem e trabalham e, lembrando as suas outras responsabilidades, dar patrocínio activo ao Escotismo, local, nacional e internacionalmente. Este assunto será novamente considerado pela Conferência em 1951.*

*Da revista* «Jamboree»

## A FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

### A velha família escotista, dispersa pelas contingências da vida, reúne no dia 19 do corrente na Sociedade de Geografia de Lisboa

Nunca o «*Sempre Pronto*» organizou uma reunião que despertasse tanto interesse como a sessão inaugural dos trabalhos da Fraternal dos Antigos Escoteiros. De toda a parte nos chegam provas inequívocas de simpatia e abrem-se todas as portas a que batemos pedindo colaboração. São manifestações de uma família numerosa que se alegra pela rara oportunidade de se reunir e confraternizar. Por isso, no sábado 19 do corrente, a sessão que se vai efectuar na Sala Algarve da Sociedade de Geografia de Lisboa, gentilmente franqueada pela digna Direcção desta prestigiosa Sociedade, vai constituir uma magnífica concentração de antigos escoteiros, romagem de velhos companheiros que as exigências da vida dispersaram, mas que a amizade agrupa de novo.

Digna-se presidir a esta sessão o Sr. Comandante Álvaro de Melo Machado, antigo Chefe Escoteiro Nacional, que fundou em Macau o primeiro grupo de escoteiros de terras portuguesas. O Sr. Dr. Alfredo Tovar de Lemos, que foi Comissário Nacional e um dos mais antigos escoteiros portugueses, evocará algumas recordações da história do Escotismo, velhas lembranças de família que é sempre grato reviver. O Sr. Dr. Francisco Cortez Pinto, antigo Presidente dos Escoteiros de Portugal e actual Presidente do Tribunal de Honra, dissertará sobre Fraternidade, esse laço que une a família escotista.

Os escoteiros do Grupo n.º 53 farão recordar aos seus irmãos mais velhos duas das mais antigas canções escotistas.

*(Conclui na 2.ª página)*

## O ESCOTISMO EM FACE DA MEDIOCRIDADE

*(Conclusão da 1.ª página)*

da saúde. É que a mediocridade é acima de tudo uma situação cómoda, não obriga a esforço, não exige responsabilidade, não apela ao estudo, não força ao amor, não necessita de zelo. O medíocre é o conhecido tipo animal que come, bebe e julga gozar a vida, declarando alvarmente que *são as únicas coisas que dela se levam.*

Reconheçamos que a abundância de indivíduos deste tipo se deve considerar um factor de decadência em qualquer sociedade, autêntica crise que é necessário encarar bem de frente e procurar corrigir, solucionar.

Baden-Powell afirma que *o fim do Escotismo será elevar o nível geral daqueles que amanhã serão os cidadãos, sobretudo no que se refere ao carácter e à saúde.* E, continuando, diz mais: *Por isso é necessário revelar os pontos fracos do nosso carácter nacional e esforçarmo-nos por os extirpar, substituindo-os por qualidades correspondentes que a acção normal da escola se não mostra capaz de produzir.* Sintetizado nestas palavras do Fundador o programa educativo do Escotismo, concluiremos que o nosso Movimento revela um autêntico plano de combate à mediocridade. De facto, desde os Lobitos, os mais novos membros da fraternidade escoteira, que se procura insuflar na criança o desejo de progresso, o amor pelo Melhor. Assim o Lobito proclama, enquanto brinca, o seu lema *o melhor possível.* Mais tarde, escoteiro, dirá *sempre pronto,* e este ideal, verdadeira ideia-força, exercerá na vida de cada rapaz uma influência salutar, uma sede constante de saber, de eficiência, de aptidão, do *melhor possível,* para que possa estar preparado para *bem servir.*

O Escotismo é, pois, um movimento que repele a mediocridade moral, cívica ou profissional. Desde os primeiros passos da sua vida escoteira que o rapaz se habitua a desempenhar os cargos, as funções do seu bando ou patrulha o *melhor possível,* hábitos que trazidos para a sociedade serão factores de ordem social, de progresso espiritual.

Grande responsabilidade assiste, portanto, àqueles a quem compete, nos Grupos ou nas Associações, orientar a acção do Movimento. Como Charley del Marmol afirma: *—O Escotismo não pode suportar a mediocridade se quer que se justifique uma apreciação corrente: É um escoteiro. Portanto é um tipo da fina-flor* Nós completaremos a ideia e afirmaremos que um Movimento Escotista medíocre falseou a sua missão, desvirtuou-se, e não é mais Escotismo.

## A FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS

*(Conclusão da 1.ª página)*

Serão também lidas mensagens de antigos escoteiros da província, membros da grande família que o espaço não consegue separar.

* * *

Às 21,30 horas prefixas iniciar-se-á a assinatura da acta de presenças de Antigos Escoteiros à Assembleia, recebendo cada elemento presente a lista de votação. Pontualmente, às 22 horas, será aberta a sessão, pelo que rogamos o favor de todos os Antigos Escoteiros comparecerem com alguma antecedência, nunca inferior a 20 minutos.

Após a primeira parte a que acima nos referimos, seguir-se-á pròpriamente a assembleia para eleição da Comissão Organizadora da Fraternal. Competirá a esta elaborar o Regulamento e estudar o que mais convirá para o seu reconhecimento oficial: Se funcionar como Divisão, ou Ramo da Associação dos Escoteiros de Portugal, se como organismo autónomo. No estrangeiro têm-se adoptado as duas modalidades para os Antigos Escoteiros, parece, porém, que a autonomia tem dado melhores resultados. Assim Ove Holm, escoteiro-Chefe da Dinamarca, escrevia recentemente: — *As fraternidades não devem constituir um ramo do Movimento Escoteiro que é um movimento de jovens. É, não obstante, essencial que exista um entendimento entre a Associação de Escoteiros e as Fraternidades.*

Este jornal preparou uma lista de Antigos Escoteiros, elementos merecedores de toda a confiança, cuja eleição proporá para a Comissão Organizadora. A Assembleia poderá e deverá, no entanto, escolher outros nomes para esta Comissão, além de que a lista a propor terá já três lugares vagos, cujos nomes serão indicados pelos antigos escoteiros presentes.

A lista citada é a seguinte:

1—Ernâni Roque, antigo Chefe do Grupo 81.
2—Eugénio Ribeiro Nunes, antigo Chefe do Grupo 99.
3—Fernando Baía dos Santos, antigo escoteiro do Grupo 1.
4—Eng.º José Maria Nobre Santos, antigo sub-chefe do Grupo 13 e Chefe Regional de Lisboa, e actual membro do Tribunal de Honra da A. E. P.
5—Luís Grau Tovar de Lemos, antigo Chefe do Grupo 2 e ex-Chefe Geral da A. E. P.
6—Vago
7—Vago
8—Vago

Os membros eleitos elegerão o Presidente da Comissão e este distribuirá os cargos que a mesma Comissão resolver criar.

A reunião será encerrada após o Sr. Comandante Melo Machado proclamar eleita a Comissão Organizadora e ter-se-á dado, assim, um grande passo para a realização de um desejo há muito formulado, a criação da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

O «*Sempre Pronto*» convoca pois todos os antigos escoteiros e suas famílias para comparecerem no sábado, dia 19 do corrente, pelas 21,30 horas, na Sociedade de Geografia de Lisboa.

### Mais adesões à iniciativa

Continuar afirmando que a iniciativa de formar a Fraternal corresponde a um desejo unânime dos Antigos Escoteiros, será repetir aquilo que já todos conhecem e, mais do que isso, sentem. Preferimos dar a palavra aos camaradas que têm a gentileza de nos escrever, já que se nos torna difícil reproduzir os aplausos e palavras de incitamento que verbalmente nos são ditas.

**Cheio de fé na Fraternal dos Antigos Escoteiros, pena sinto de viver longe do vosso meio para poder também saborear o prazer das reuniões.**

O E. C. D. Sr. Henrique Alves Casquilho, antigo membro do Grupo n.º 1 e Chefe do Grupo 66 de Coimbra, escreve-nos desta cidade uma simpática e expressiva carta, que agradecemos, e da qual transcrevemos o seguinte período:

*As minhas fraternais saudações e votos de sucessivo progresso para o nosso jornal, que mensalmente com a sua leitura me dá a satisfação de reviver todo o meu passado no movimento escotista e faz reviver no meu espírito a alegre actividade da minha juventude, onde criei laços de amizade tão sincera que ainda hoje é penhor que me liga com um verdadeiro Amor Fraternal a umas dezenas de amigos e inesquecíveis nomes.*

*Cheio de fé na Fraternal dos Antigos Escoteiros sinto pena de viver longe do vosso meio para poder também saborear o prazer das reuniões.*

Todos os Antigos Escoteiros falam pela boca do E. C. Henrique Alves Casquilho. Por isso afirmamos que a reunião do dia 19 será um êxito.

Até agora foram recebidos mais os boletins de recensamento dos Srs. Henrique Alves Casquilho, Aníbal Joaquim da Conceição Vieira, Jorge Ricardo da Conceição Vieira, Carlos José da Conceição Vieira, Manuel da Fonseca, Rodolfo Duarte Coelho da Silva, Álvaro Vieira, Aníbal Vieira, Jacinto dos Reis Moniz Silva e Luís Grau Tovar de Lemos.

---

**Este número foi visado pela Comissão de Censura.**

# ANTIGOS ESCOTEIROS

## Alguns princípios de organização e trabalho expressos por dirigentes estrangeiros

*Excertos de um artigo de Erik Sjoquist e J. S. Wilson na revista «Jamboree» de Março último.*

### Desvantagens de uma só organização

A experiência parece mostrar que são as seguintes as desvantagens em manter as Fraternais dentro da estrutura das organizações dos Escoteiros:

*a)* O público em geral encontrará dificuldade para discriminar entre o treino dos jovens e a actividade prática mais séria dos adultos.

*b)* A filiação das Fraternais está naturalmente reservada, como é natural, a adultos que se reúnem a um movimento adulto, e não para tomarem parte num movimento de juventude, muito embora os ideais e finalidades sejam semelhantes. Ousaremos dizer que isto representa uma das dificuldades da secção Sénior?

*c)* Mais uma responsabilidade para a organização dos Escoteiros que têm já um fardo pesado a seu cargo. Frequentes vezes a Divisão Sénior tem dado provas da dificuldade da direcção de adultos que se deixam tomar de orgulho, próprio da sua independência.

*d)* Será mais difícil encontrar pessoas indicadas para dirigir as Fraternais de Antigos Escoteiros. Isto tem sido concludentemente provado em mais do que um país. Uma separada, mas paralela, organização para Antigos Escoteiros terá maior liberdade de escolha e estará habilitada se necessário, a fazer mudanças com mais frequência. Haverá sòmente uma qualidade de pessoas a satisfazer, não duas.

### Vantagens de uma organização separada

Se o Movimento Escoteiro reconhece as Fraternais de Antigos Escoteiros como um trabalho separado e para tratarem dos seus próprios problemas, cremos que tem três vantagens. O público aprecia mais o valor do Movimento Escotista pela prova indirecta da sua virilidade, valor dos seus ideais e sua força potencial. Um mais amplo apoio do Escotismo é assegurado, porque tem um carácter mais voluntário e é uma das finalidades de cooperação da Fraternal. A filiação pode ser estabelecida numa base que reúna os dois sexos.

Admitimos que estes benefícios podem aumentar através da filiação de associações ou Conselhos Locais, Direcções de Grupos, etc., mas não terão o mesmo potencial ou força permanente após eles. Os objectivos são limitados ao Movimento Escoteiro, mas há outros serviços que os Antigos Escoteiros podem prestar.

### O Chefe L. Blondel, presidente da Fraternal Suíça dos Escoteiros, escreve num relatório

### A CONCEPÇÃO DA VIDA

O nosso regulamento federal tinha já indicado «que se esperava que os antigos escoteiros se comprometeriam a continuar a seguir os princípios escoteiros». Creio que este é um ponto muito importante. Sentireis como eu que a educação e a formação do escoteiro, baseadas na lei e na promessa, confirmadas pelos Seniores, não são destinadas ùnicamente ao rapaz mas que no futuro, como homem e como cidadão, estes princípios permanecem válidos. Deve-se esperar de um antigo escoteiro que conforme os seus actos com os princípios e educação que recebeu como convicções religiosas e conserve em todas as actividades a rectidão, honestidade, franqueza e amor do próximo. Na minha opinião, não importa em qual profissão, espera-se do antigo escoteiro que conforme os seus actos aos princípios e à educação que recebeu como rapaz no escotismo.

*É por este meio, sem fazer nenhuma política particular, que podemos transformar e melhorar as relações entre cidadãos de um mesmo país.* Que se esteja na universidade, no comércio, como funcionário ou empregado, chefe de empresa, ou em qualquer outra carreira, mesmo política, o antigo escoteiro deverá aplicar os nossos princípios escotistas. O fim da educação escotista não é antes de mais nada: *Formar cidadãos?* Ora não é no próprio momento em que se está na idade de ser cidadão que se deverá pôr de lado tudo o que se tem aprendido até esse momento, renegar o ideal que se aceitou quando se era rapaz.

*Excerto dum relatório publicado na revista «Jamboree» em Abril deste ano.*

# 12.ª CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE ESCOTEIROS

### Um esclarecimento da A. E. P. sobre a Presidência da Delegação Portuguesa

*Do nosso Escoteiro-Chefe Geral e Presidente Interino da A. E. P. recebemos o seguinte ofício que aqui transcrevemos para esclarecimento dos nossos leitores:*

Prezado Irmão-Escoteiro

Acuso recebido o seu estimado ofício de 26 de Setembro p. p., que agradeço e ao qual passo a responder.

Em tempos foi combinado com a associação irmã, Corpo Nacional de Escutas, que a presidência, ou a chefia, de representações *no estrangeiro*, em que estivessem presentes elementos das duas associações, fosse dada alternadamente à A. E. P. e ao C. N. E.

Visto que no «Jamboree» de Moisson a presidência pertenceu, como era de direito, ao Ex.mo Sr. Dr. José Francisco dos Santos, coube à A. E. P., implicitamente, chefiar a Delegação Portuguesa que esteve este ano presente na Noruega.

Quero frisar bem que durante a presença da Delegação Portuguesa naquele país o problema nunca foi levantado, em parte porque o signatário não viu necessidade, dada a boa camaradagem e compreensão que sempre julgou reinar entre tódos os portugueses, em vincar a sua posição; até mesmo «as coisas foram divididas a meias», num gesto de natural e espontâneo desejo de boa harmonia, pelos vistos mal compreendido, e na convicção de se considerar desnecessário exigir cargos em prática numa Delegação tão modesta em número.

Por outras palavras: O cargo de Presidente da Delegação existiu apenas, teòricamente; pura e simples formalidade, e, utilização meramente normal, embora teórica, de um direito.

Isto não quer dizer que se o signatário entendesse fazer valer as suas funções, absolutamente devidas, não o pudesse ter feito abertamente e dentro do que há muito foi combinado.

Se os supostos lesados, aliás o C. N. E., tivessem pedido, ou sugerido, a devido tempo, uma «alteração na escala», estou convencido que a A. E. P. não teria tido dúvidas em trocar a sua vez.

Pelo exposto, fácil é concluir que, ao evocar-se a Presidência da A. E. P. na Delegação Portuguesa que esteve presente na Noruega, não se teve em vista nem apelar individualmente para, ao que parece, tão grande honra nem ofender quem quer que fosse.

Não se faltou à verdade e não foi esquecido aquilo a que os ingleses chamam um «gentlemen's agreement» que significa em português, como sabe, «acordo de cavalheiros», ou então «acordo entre cavalheiros».

Surpreende-me pois bastante que parte desses cavalheiros venham agora com uma reclamação que não tem de modo algum fundamento.

Se o desejar e julgar conveniente pode o Irmão-Escoteiro publicar este ofício no jornal.

Sem outro assunto, etc.

«Sempre Pronto»
Escoteiro-Chefe Geral e Presidente Interino
*Jorge Brotas Cardoso*
*E. C.*

Lisboa, 4 de Outubro de 1949.

*Com o presente ofício parece-nos o assunto suficientemente esclarecido para que tenhamos necessidade de nos voltarmos a ocupar dele.*

## UNS DIAS EM ESPANHA

# Recordações da nossa visita aos antigos escoteiros do país vizinho

Não vamos fazer uma descrição pormenorizada da nossa viagem. Isso seria longo demais para as poucas colunas do «S. P.» e uma tarefa superior às nossas possibilidades. Muito menos recordar as penosas deslocações em comboio. Não, nestas linhas ficarão sòmente registadas algumas boas lembranças (e tantas foram) da nossa passagem por terras de Espanha...

Ás más recordações... que as leve o demo...

* * *

O Escotismo é, sem sombra de dúvida, uma enorme força universal. Sentimo-lo quando, numa bela tarde de fins de Julho, foi-nos dada a oportunidade de receber no nosso quarto de hotel quase todos os elementos da velha «Lobo Gris». Naquele punhado de rapazes que, inibidos de envergar as suas fardas, continuam a dedicar ao Ideal todo o seu coração e entusiasmo, palpitava o verdadeiro espírito de fraternidade. Nós sentíamos naquele momento a certeza de que, através deste orbe, muitos e muitos rapazes, a quem as distâncias não separam, têm dentro de si a semente da Paz que poderá concorrer em muito para o bem-estar que o mundo há muito procura e não tem achado.

* * *

O Madrileno em toda a hora há-de mostrar a sua boa disposição. Em Espanha diz-se que em Madrid pouco se trabalha e nós quase chegámos a acreditar. É que o Madrileno tem uma tal tendência para o divertimento, para a vida despreocupada dos cafés, do cinema, teatro e touradas, que dá-nos a impressão que é essa a sua única actividade.

Numa das noites em que estivemos em Madrid, visitámos algumas das *verbenas* que se encontram espalhadas pelas praças da cidade. Os carrocéis, os «automóveis» e as barracas de tiro tinham uma tal concorrência que faria inveja a qualquer das nossas feiras populares. Com Magallón e Vítor andámos nos «automóveis», Foram momentos inesquecíveis. A todo o instante sucediam-se os choques, as fugas, os bloqueamentos. Gentis madrilenas guiavam com à-vontade os seus carros e, quando propositadamente chocávamos, elas não se «enjoavam» como costumam fazer as lisboetas em circunstâncias idênticas. Daí a pouco eram elas que surrateiramente se «vingavam» da nossa partida, pagando-nos com igual moeda.

No carrocel a animação não era menor. O alto-falante espalhava (iamos dizer a «plenos pulmões») estridentemente, aos quatro ventos, música de todos os tons. A criançada saltava de cavalinho para cavalinho. Tudo ria e rodava. Em poucas palavras: luz, música e movimento. É por isso que dizemos que o Madrileno vive para brincar...

Quando deixámos a *verbena* presenciámos um espectáculo único: em plena rua, pares bailavam ao som da música que um alto-falante deitava para a rua...

Daí a pouco, no sossego de uma esplanada, refrescávamo-nos com a característica «horchata» valenciana...

* * *

«Oitava Maravilha do Mundo» chamam os Espanhóis ao Escorial. Descontando o natural exagero na apreciação, é realmente aliciante admirar aquela maravilhosa colecção de preciosidades que ali se encontram reunidas. Genovés e sua Esposa, a nossa estimada colaboradora D. Loreto Azpeitia, que dias antes tivéramos o prazer de conhecer, amàvelmente nos convidaram para esse magnífico passeio. Magallón também nos quis acompanhar. Assim, num dia risonho, ainda bem cedo, partimos para essa paragem que goza de fama em todo o mundo.

Não podemos esconder a nossa admiração por tudo quanto vimos, mas também não deixamos de manifestar o nosso desgosto por não possuirmos o segredo de descrever com realidade tanta maravilha!

Durante algumas horas passaram ante os nossos olhos extasiados, tapeçarias maravilhosas, reproduções perfeitíssimas de quadros famosos, pinturas murais de efeitos indiscritíveis, telas de Goya, de Murillo, de Velasquez e outros grandes Mestres da Escola Espanhola. O Panteão, a Biblioteca, os aposentos de Filipe II de Espanha e de sua filha, a Igreja, tudo isto nos deixou num estado de deslumbramento que não pode fàcilmente ser reproduzido nestas palavras modestas.

Quando regressávamos, vinhamos pensando em tantos acontecimentos que aquelas veneráveis paredes tinham testemunhado. Sentíamo-nos envolvidos por aquela bruma misteriosa que envolve os séculos que passaram...

Daí a algumas horas deixávamos Madrid a caminho de Valência...

* * *

A região de Valência é das mais fecundas de Espanha. Em cada ano, fazem-se ali quatro colheitas. Por isso o valenciano é em geral muito orgulhoso da fartura da sua terra. As refeições, ao contrário de outras regiões, são suculentas e saborosíssimas, lembrando, nestes aspectos, a cozinha regional portuguesa.

A nossa estadia naquela cidade, apesar de curta, foi agradabilíssima. Os antigos *boy-scouts* valencianos receberam-nos carinhosamente, confirmando assim a fama de hospitalidade de que goza a região. Beut, antigo chefe-escoteiro, levou-nos a sua casa onde tivemos o prazer de conhecer alguns dos nossos velhos camaradas dali.

Os principais monumentos de Valência, como a Casa da Cidade, os torreões das antigas muralhas, a formosíssima catedral e a característica torre de Micalet, foram por nós visitados, sempre em companhia de Beut, que se revelou profundo conhecedor e admirador da sua terra e das suas belezas.

No último dia, ainda por convite deste nosso bom amigo, saímos a almoçar nos arredores da cidade, num pinturesco restaurante regionalista, construído no alto de um pinhal. Aí conhecemos e apreciámos os acepipes da cozinha valenciana.

Enquanto permanecemos em Valência, foi-nos dada a oportunidade de conhecer o nosso estimado amigo e colaborador do «S. P.» Rafael Palácios e ainda os amigos Perez, Moragues, Martinez e outros cujos nomes agora não nos lembramos.

J. R.

*(Conclui no próximo número)*

## FILATELIA ESCOTEIRA

A Holanda pôs em circulação uma série de cinco taxas intulada «Selos de Verão». Dois dos selos que compõem esta emissão são constituídos com motivos escotistas. Num dos selos vê-se um escoteiro e uma guia (escoteira), mochila às costas, a caminho do campo; o outro representa dois escoteiros cozinhando a sua comida à porta das suas tendas.

*Do Boletim "Voz Scout"*

# Em pró e em contra

Desde que acamparam os primeiros escoteiros em Brownsea, o Escotismo tem provocado muito ruído no mundo. Muito mais do que podiam sonhar aqueles que se alistaram na primeira época.

Muitos milhões de rapazes de todas as raças e religiões, têm seguido desde então o caminho traçado pelo fundador, e muitíssimos homens ilustres têm posto a sua inteligência e a sua actividade ao serviço do nosso belo ideal. Têm-se gasto toneladas de papel na defesa e propaganda do pensamento de B. P. e, também, em combatê-lo. Na contenda tomaram parte penas de renome, e nem sempre fomos combatidos com a nobreza e lealdade com que os nossos lutaram. À falta de argumentos de peso com que arrazar a singela maravilha do Escotismo, inventaram-se calúnias e intrigas, procurou-se ridicularizar o rapaz de calção curto, troçou-se de nós acusando-nos de coisas tão dispares como beatos e ateus, liberais e fascistas, vegetarianos e até peles-vermelhas.

Porém, o Escotismo continua.

* * *

Devo confessar que a mim, particularmente, este ruído em volta do Escotismo me satisfaz sempre plenamente, porque penso que ele é uma demonstração de que no nosso Movimento há «algo».

O mundo só se preocupa, em favor ou em contra, com aquelas coisas ou ideias bastante importantes, capazes de só por si revolucionarem alguma faceta da existência humana. Daí que ninguém discute hoje os inconvenientes e vantagens de uma nave fenícia, enquanto pelo contrário se abre diàriamente polémica sobre os aviões supersónicos.

E tudo isto vem a propósito de uma carta que me escreveu um querido amigo e apaixonado lutador escotista, que me mostra a sua dor por esses ataques que, de quando em quando, aparecem impressos em qualquer jornal do mundo, desses que, ainda hoje, depois de mais de 40 anos de existência florescente do Movimento Escoteiro, não querem abrir os olhos à realidade.

E o meu amigo está desejando pelo menos lançar um bomba atómica sobre aqueles que nos atacam. Compreendo a sua indignação, porém, não há que tomar as coisas tanto a peito. É melhor sorrir e não fazer demasiado caso; e recordar aquele conselho que diz, «se tens razão, porque te indignas? E, se a não tens, porque te hás-de indignar?».

* * *

De qualquer dessas críticas ou ataques que nos são dirigidos, é possível obter duas coisas: divertimento ou experiência. Duas coisas que um bom Escoteiro jamais desperdiça.

Eu divirto-me observando o seu aspecto humorista ou cómico, quando os argumentos esgrimidos são tão ridículos que caem pelo seu próprio peso e só são capazes de provocar o riso ou o desprezo. É sempre melhor o riso. Por exemplo, recordo um artigo aparecido há uns 20 anos na imprensa espanhola, firmado por Miguel Unamuno, o mais ilustre professor espanhol do século actual, em que, depois de uns maravilhosos jogos malabares com o latim e o grego e alguma outra língua morta, o autor chegava à conclusão de que a palavra inglesa «boy», em lugar de se traduzir em espanhol por «muchacho», se devia traduzir por «buey». Portanto nós eramos «Bueyes Scouts». A gargalhada dos Exploradores Espanhóis foi unânime e estrondosa, e as réplicas ao dito artigo muito saborosas.

Pelo contrário, há críticas que nos podem proporcionar uma experiência muito útil, já que apontam certeiramente a certos defeitos de aplicação do método escoteiro. Tal é o caso de uma novela escrita por Wenceslao Fernandez Flores, possìvelmente o melhor escritor humorista espanhol contemporâneo. Nessa novela, entre outras coisas, relatam-se as aventuras e desventuras de um Grupo de Escoteiros, cujo Chefe é um perfeito ignorante do Escotismo e do que não é Escotismo. Um Chefe desses que explicava aos seus escoteiros que semeando um torrão de açúcar se obtém uma cana de açúcar, e que ao partir esta se encontram no seu interior os novos torrões do dito açúcar. Podeis imaginar os resultados educativos que se obtêm com um Chefe desta espécie. E a experiência obtém-se dos defeitos que o novelista põe de relevo, já que, desgraçadamente, existe um ou outro bem intencionado senhor que se pro-

*(Conclui na 6.ª página)*

# SENIORISMO

Não queremos deixar de mão este assunto da Divisão Sénior. Alimentamos a esperança de que ainda veremos surgir, por todo o nosso querido Portugal, Clãs de Escoteiros-Seniores activos e florescentes, oferecendo ao país jovens com uma preparação cívica e social vigorosa, ao mesmo tempo proporcionando ao Movimento Dirigentes competentes e dedicados. Por isso continuamos a tratar do assunto, na certeza de que não clamamos no deserto. Temos a convicção firme de que apontamos um caminho recto, mas, se alguém não estiver de acordo, venha aqui expôr as suas opiniões. Teremos muito prazer em as acolher e aceitaremos mesmo a discussão do problema.

O nosso artigo publicado no último número deste jornal causou uma certa admiração em alguns grupos, que vivem muito longe dos moldes aqui indicados. Um dos pontos que causou mais estranheza foi a nossa afirmação de que «o Sénior só entra em contacto com Juniores e com Lobitos em reuniões de carácter festivo, ou para auxiliar a instrução destes». Não nos admira a estranheza, já que os Seniores vivem nos nosssos Grupos uma vida em completa igualdade com os juniores, com as mesmas actividades, reuniões, acampamentos. Esse é um dos maiores erros do Escotismo Português e o grande responsável pelo actual enfraquecimento. É pedagògicamente condenável que rapazes em idade júnior, vivam em conjunto com rapazes em idade sénior, em face das profundas diferenças físicas e psíquicas dos dois períodos. O sénior tem brincadeiras que se não adaptam à constituição do júnior, pelo que estes são magoados ou forçados a competições superiores às suas forças, que os prejudicam fisicamente. Por outro lado o sénior criou hábitos que em presença de juniores se tornam prejudiciais à sua educação. Por sua vez os Seniores sentem-se diminuídos por se verem nivelados aos juniores que já consideram crianças. A separação, portanto, é uma necessidade imperiosa que deve ser levada a cabo a todo o custo. Para completar aquela nossa afirmação devemos declarar que o ideal será que o Clã—bem como a Alcateia—constitua uma unidade independente, se possível até na sede.

A este respeito, J. Pellegrin, Comissário dos Escoteiros Unionistas de França, afirma:—«O Comissário deverá muitas vezes usar da sua autoridade para impedir o Chefe do Grupo de conservar junto de si

*(Conlui na 6.ª página)*

# GUIDISMO

*«Sempre Pronto» inicia hoje esta secção, na qual serão tratados temas referentes ao ramo feminino do Movimento, secção que se deve à iniciativa da nossa estimada colaboradora Sr.ª D. Loreto Azpeitia de Genovés, antiga e ilustre Guia de Espanha, que se propõe oferecer aos nossos leitores alguns trabalhos literários sobre Guidismo. Esta coluna fica, contudo, aberta a todas as Guias de Portugal que desejem trazer a sua colaboração àquela nossa irmã-escoteira e ao «Sempre Pronto».*

## ORIGENS E FINS DO GUIDISMO

O Guidismo, o ramo feminino do Movimento Escotista Mundial, nasceu espontâneamente pela própria vontade das mulheres, que, nesta ocasião, demonstraram uma magnífica visão de futuro, ao antever as possibilidades educativas do genial método ideado por B. P.

Baden-Powell criou o seu sistema educativo pensando só nos rapazes. As suas primeiras experiências, os seus primeiros escritos e conferências, o seu livro fundamental, *Escotismo para rapazes*, em que que explicava a nova doutrina pedagógica, tudo se referia, única e exclusivamente, aos rapazes. Inclusivamente sabemos pelo próprio B. P. que em princípio lhe pareceu que carecia de senso comum o aplicar o seu sistema à educação feminina. No entanto, e mesmo contra a própria opinião de B. P., as mulheres lançaram-se pelo caminho escotista, adaptando o método à psicologia e fins nitidamente femininos, e em 1912 nasce nos Estados Unidos a primeira associação de Guias, ou Escoteiras, fundada por Juliette Lon, de Savannah (Geórgia), desenvolvendo-se de maneira tal, que, em dez anos, sòmente nos Estados Unidos, chegou a atingir a cifra de 114.000 raparigas guias.

Parece que, quando B. P., em certa ocasião, visitava uma concentração de Escoteiros em Inglaterra, viu um grupo de raparigas uniformizadas de um modo similar aos Escoteiros, não demonstrou um agrado especial. Quase podemos dizer que se mostrou um pouco desconcertado pela «ousadia». Porém o Fundador tinha uma fé enorme no seu sistema escotista, e, como bom educador, um critério amplíssimo para examinar serena e inteligentemente qualquer nova faceta que se apresentasse no problema de encaminhar a juventude pelo bom caminho. Certamente, o Escotismo era para os rapazes, porém, porque não aplicá-lo também às raparigas? B. P. recorreu à ajuda da sua Esposa, Lady Olave Baden-Powell, para adaptar o método às necessidades femininas; e estudando ambos os esposos o novo Movimento Escoteiro, em 1912 apareceu o livro **Manual para Raparigas Guias** no qual se assentavam as bases do Guidismo, o sistema escotista aplicado às raparigas.

Os primeiros passos do Guidismo—tal como os dos Escoteiros—foram vacilantes e, em alguns casos, incertos. Logo se foram polindo defeitos e hoje o caminho é claro e a marcha segura. Milhares de Guias, em todo o mundo, educam-se no nosso sistema, e muitas delas, convertidas em educadoras, iniciam os primeiros passos dos rapazes mais novos no Movimento Escoteiro como Chefes de Lobitos, onde a sua sensibilidade feminina está dando resultados admiráveis.

O Guidismo conduz ao aperfeiçoamento de todas as qualidades morais da mulher, acima de qualquer outro objectivo. Pretende forjar mulheres úteis e animosas, mulheres capazes de cumprir a sua alta missão na vida com o sorriso nos lábios, enquanto um exacto sentido do valor e responsabilidade no fundo dos seus corações, as faz trabalhar a favor de uma humanidade melhor.

O Guidismo, como o Movimento Escoteiro, é um belo jogo por meio do qual, as jovens de todo o mundo, aprendem a conhecer ou a aperfeiçoar o seu próprio carácter, e a cuidar da sua saúde física. O Guidismo pretende ensinar, ou ajudar a manter viva, a chama da fé e o amor aos seus semelhantes no coração de toda a mulher. O Guidismo, enfim, falando-vos da existência maravilhosa de Deus na primeira parte da Promessa de uma Guia:—«Prometo por minha honra fazer tudo quanto de mim dependa para cumprir os meus deveres para com Deus...» — e prosseguindo como os dez famosos artigos da Lei, proclama-se, senão melhor, igual ao mais belo dos ideais, colocado por e para serviço da juventude feminina do mundo inteiro.

Madrid, Setembro de 1949.

LORETO AZPEITIA Y LOPEZ DE AYALA

# Em pró e em contra

*(Conclusão da 5.ª página)*

põe dirigir um Grupo de Escoteiros sem ter a mais ligeira ideia de como isso se faz.

* * *

Assim pois, já o meu amigo vê que não há coisa má que não tenha o seu lado bom, e é esse que devemos buscar. Não nos preocupemos excessivamente pelos ataques que nos são dirigidos, pois há penas que lhes saberão responder adequadamente. Os demais só devem divertir-se ou meditar.

E temos a satisfação de que enquanto o Escotismo arme ruído é porque está vivo.

ENRIQUE GENOVÉS
OJO DE LINCE

# SENIORISMO

*(Conclusão da 5.ª página)*

os escoteiros mais velhos, por receio de os ver perder fora de um círculo familiar que, justamente, está em via de limitar o seu horizonte. Certamente, é duro para um Chefe que estima os seus rapazes de se separar deles na idade em que queria guardar toda a sua influência sobre eles. É preciso, no entanto, aceitar a separação. Ao Comissário compete ajudar a orientar os seus rapazes para uma vida nova, mostrando-lhes a «Estrada» onde, juntamente com outros, sobre a direcção de novos Chefes, se tornarão homens».

Este é um problema que terá de ser atendido entre nós. Em Lisboa, onde existem grupos (alguns até com sede) que não passam de meros números, poderiam ser adaptados à constituição de Clãs seniores, onde ingressariam tantos escoteiros que andam por aí inactivos, desinteressados das actividades dos seus grupos. Aqui deixamos a sugestão, que é ao mesmo tempo um pedido ao digno Chefe da Região Centro que, esperamos, não deixará de o considerar.

Noutro artigo trataremos da admissão excepcional na Divisão Sénior de novos escoteiros e do limite de idade de permanência na mesma.

E. R.

## Vitaminas — Lubrificantes do Organismo

Vascolhando o amontoado de papéis, que em determinadas ocasiões me desperta a curiosidade de reler o que em tempo escrevi, apareceu-me em certa altura entre os dedos, uma série de anotações curiosas, colhida numa revista de educação física, publicada no país irmão e assinada por valores de competência assegurada.

O assunto versado era interessante para divulgar.

Tratava-se da aplicação das vitaminas às várias partes da máquina humana. Não resisti à tentação de o passar a limpo, de forma a poder ser lido por todos. Continuarem guardados, apontamentos que poderiam servir a muitos amigos, como eu, das boas indicações, não era coisa que me agradasse.

Aqui os deixo no intuito de serem úteis.

SOARES DE CAMPOS

### VITAMINA A

#### FONTES

| Excelente | Boa | Suficiente |
|---|---|---|
| Bacalhau e outros peixes | Alface | Salmão |
| Óleos de fígado | Batata doce | Pêcego |
| Espinafre | Cremes | Farinha de trigo |
| Cenoura | Tomate | Leite |
| Queijo magro | Ovas de peixe | Queijo creme |
| Ovos | Laranja | Carne musculada |
| Ameixa | Limão | |
| Abóbora pequena | Melão | |
| Abacaxis | Rins | |

N. B.—**Sintomas de deficiência de vitaminas A**

Vista má, à noite
Crescimento retardado
Atrofia das glândulas
Xeroftalmia
Esterilidade
Endurecimento das células epiteliais

*(Continua no próximo número)*

# O ESCOTISMO NA CAPITAL

### 2.º GRUPO

**Festa de Encerramento de Actividades**

Nos dias 24 e 25 de Setembro último, este Grupo realizou em Odivelas uma pequena festa para encerramento das actividades de 1948/49.

No acampamento tomaram parte o Grupo n.º 9 e alguns escoteiros do 79.

No sábado à noite, efectuou-se o fogo de conselho e no domingo, à tarde, com a presença do Secretário Geral da A. E. P. e famílias dos escoteiros, realizou-se a pequena festa em que foram distribuídas medalhas a diversos escoteiros.

Foram entregues estrelas de serviço e prestaram Compromisso de Honra os aspirantes Jaime dos Anjos António, Armando Augusto Rodrigues e Silvestre dos Anjos António.

Foi servido um chá, durante o qual o Secretário Geral da A. E. P. proferiu algumas palavras alusivas à cerimónia.

**O Aniversário do Grupo 9**

O nosso prezado colaborador Sr. Ernesto Clímaco do Nascimento pede-nos que rectifiquemos, na notícia referente ao aniversário do Grupo n.º 9, na parte em que nos referimos à oferta de uma bandeira àquele Grupo.

Realmente a bandeira não foi oferecida por aquele nosso amigo, mas sim por um grupo de antigos escoteiros do 9, de que ele também fazia parte. Pedimos desculpa do lapso.

## DE MOÇAMBIQUE

### CASAMENTO

No dia 28 de Setembro realizou-se, na cidade da Beira, o casamento da Menina Margarida Ferreira Martins Plácido, filha do Desembargador, Dr. Mário Plácido e de sua esposa a Sr.ª D. Antónia Martins Plácido, ambos já falecidos, com o Sr. Mariano Américo dos Santos Lapa, nosso estimado assinante, antigo escoteiro do Grupo n.º 2 e funcionário do Banco Nacional Ultramarino na Beira, filho do escritor Sr. Albino Lapa e de sua esposa, Sr.ª D. Maria Lapa.

Paraninfaram o acto por parte da noiva a Sr.ª D. Beatriz Plácido Botelho de Sousa e o Sr. Filipe Luís Gens, Director Provincial da Administração Civil, e por parte do noivo a Sr.ª D. Maria Antónia Plácido de Carvalho Fonseca e o Sr. Francisco Silveira, gerente comercial.

Os simpáticos noivos partiram para a Rodésia em viagem de núpcias. Desejamos-lhe imensas felicidades.—C.

## ALGARVE

### III Reunião de Dirigentes da Região Sul

No dia 16 do corrente, nos arredores de Tavira, realiza-se a III Reunião de Dirigentes da Região Sul dos Escoteiros de Portugal, com a presença de Delegados de todos os Grupos, em número de dez. À reunião presidiu o Escoteiro-Chefe Regional.

Foram focados os principais problemas do momento, tendo os delegados porfiado em exemplos de boa camaradagem.

Deliberou-se efectuar, no próximo dia 1.º de Dezembro, em Vila Real de Santo António, o IV Concurso Regional Inter-Patrulhas.

# CAMPISMO

### O Clube de Campismo de Lisboa inaugurou a sua nova sede

O conhecido C. C. L. transferiu a sua sede para a Rua da Misericórdia n.º 137, 2.º andar, onde instalou todos os serviços indispensáveis a uma colectividade com a sua importância.

No dia da inauguração, que se efectuou no passado dia 25 de Outubro, puderam os convidados, em número elevadíssimo, visitar as novas instalações que compreendem: Gabinete da Direcção, Secretaria, Gabinete de Turismo, Sala do Conselho de Equipas, Biblioteca, Casa de Trabalho, Bar, Bufete e Salas de Jogos. Todas estas dependências mereceram fartos aplausos pela bela decoração.

À cerimónia inaugural compareceram representantes da Câmara Municipal de Lisboa, do Secretariado Nacional da Informação, da Federação Portuguesa de Campismo, de grupos congéneres, etc.

Ao C. C. L. envia o «*Sempre Pronto*» efusivos parabéns pelo melhoramento que este facto representa para a vida da colectividade.

Com o C. C. L. está também instalada a Cooperativa Campista.

CARLOS FERNANDO GARCIA

## Ateneu Comercial de Lisboa

### JOGOS FLORAIS

Depois do exaustivo trabalho de classificação, por parte do júri, das centenas de produções enviadas pelos concorrentes aos Jogos Florais organizados pelo Ateneu Comercial de Lisboa, realizou-se no dia 29 de Outubro, no sede desta prestimosa colectividade, a primeira sessão pública para divulgação dos nomes dos concorrentes premiados.

No dia 5 do corrente efectuou-se a sessão solene, para entrega dos prémios aos vencedores e leitura das produções, que foi feita pela Sr.ª D. Dulce de Oliveira. O júri, constituído pelas Sr.ª D. Etelvina Lopes de Almeida e Srs. Gustavo de Matos Sequeira e Guedes de Amorim, assistiu a esta sessão.

## DE SETÚBAL

### GRUPO N.º 40

No dia 16 de Setembro p. p., este Grupo bivacou nos terrenos de S. Paulo, tendo as patrulhas saído da sede com intervalos de 30 minutos e seguido uma pista que antecipadamente tinha sido traçada.

● No dia 23 prestaram Compromisso de Honra os aspirantes Mário Silva, Matias Medeiros e Fernando Bonaparte, numa cerimónia simples, mas solene, tendo o Chefe do Grupo feito uma alocução sobre o significado do acto.—C.

# O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

### SUÉCIA

**Comemoração da morte do Conde Bernadotte**

Por ocasião do aniversário da morte do Conde de Folke Bernadotte, em Setembro último, os representantes da Cruz Vermelha Sueca, da Liga de Escoteiros Suecos e de outras organizações suecas e estrangeiras, foram depor coroas de flores no seu túmulo, tendo-se efectuado diversos serviços religiosos em sua memória.

## INQUÉRITO AOS GRUPOS DA CAPITAL

### O Grupo n.º 13, uma unidade que vegeta. O «17» uma hipótese que desaparece. O Grupo n.º 53 uma unidade que tem vida e prospera

Na lista dos grupos existentes na capital era o «13» o primeiro a ser visitado pelo «*Sempre Pronto*». Procurámos estabelecer contacto, mas não conseguimos. É possível que o nosso ofício não tenha chegado às mãos do seu Chefe, e seja essa a razão da falta de resposta. O Grupo n.º 13 é anexo à Sociedade de Geografia de Lisboa e dispõe de uma sede boa. Tem Chefe, o Sr. Prof. Júlio Santos, que em face das suas muitas ocupações sempre desempenhou no Grupo um papel semelhante ao de Presidente de Grupo. Competia, pois, ao Chefe Ajudante a direcção técnica da unidade, que viveu outrora tempos de grande actividade, seguindo este sistema. No «13» se fizeram escoteiros que foram úteis ao Movimento e desempenharam, ou desempenham, altos cargos associativos, enquanto outros honram o Escotismo ocupando na Sociedade cargos de alto relevo.

Hoje o «13» é uma unidade que vegeta. Não podemos dizer que está «morto», mas está quase inactivo, e não diremos mesmo inactivo porque tivemos a satisfação de ver três dos seus membros num exercício efectuado há uns meses. Aqui deixamos exarado o nosso sincero desejo de que o «13» «ressuscite» e alinhe de novo entre as unidades da Capital, activo, formando novos escoteiros e, se possível, mais dirigentes para o Escotismo Nacional.

* * *

O Grupo, ou antes, o número a seguir, pois não passa de um número, é o «17». Escrevemos para o endereço que possuímos como sua sede e a carta não veio devolvida. Mas asseguram-nos que tal endereço já nada tem de comum com o Grupo e que, últimamente, a sua direcção oficial era no Bairro da Encarnação. Resumindo: o Grupo n.º 17, que nasceu cerca de 1944 ali para o Areeiro, teve uma infância agitada e sofreu de doenças graves, morreu finalmente. Confessemos que não deixa saudades.

* * *

Prosseguindo nas nossas visitas aos grupos da Capital fomos de abalada à Rua nas Janelas Verdes, em visita ao Grupo 53. Ainda subíamos a escada já ouvíamos o Chefe Lino falar, transmitindo instruções aos seus escoteiros. «O Grupo está reunido—dissemos nós—o que é óptimo». Ficámos, porém, agradàvelmente surpresos quando se nos deparou uma fila homogénea de escoteiros, correctamente uniformizados, que à voz do Chefe se perfilaram e saudaram os visitantes. Após os cumprimentos, os escoteiros foram às suas actividades e tivemos oportunidade de visitar as instalações da sede, que já eram, aliás, nossas conhecidas. O Grupo dispõe da melhor sede da Região Centro, e uma das melhores—senão a melhor — da nossa Associação. Uma sala de reuniões bem ornamentada, três gabinetes, uma oficina ampla com bancadas e ferramentas, e um terraço esplêndido para jogos e exercícios... e as obras continuam visto que ainda há dependências que podem ser aproveitadas. Isto para não falar nas salas de jogos e festas que são comuns a outros departamentos da Igreja Evangélica Lusitana a que o Grupo está anexo.

O Chefe Armando Lino acompanha-nos solícito, bem como o Sub-Chefe José Ferreira e o Chefe Administrativo Mário Rocha Santos, pelo que era chegada a oportunidade de lançarmos as nossas perguntas, já que o Chefe Lino, gentilmente, nos tinha dito:—Estamos à vossa inteira disposição. Perguntem o que quiserem!

—Pode, então, dizer-nos qual é o efectivo do Grupo?

O Chefe Lino, consultando o seu registo, vai explicando:

—Há várias formas de interpretar essa pergunta. Por exemplo, o registo deste grupo apresenta-nos 34 rapazes, porém 4 estão há muito tempo afastados em virtude da sua vida particular...

—Portanto,—continuámos,—só estão ao serviço 30 escoteiros

Ante o assentimento do nosso interlocutor, perguntámos-lhe, em seguida, como se especificava esse efectivo.

—Digo-lhe já,—respondeu o Chefe do 53.—11 escoteiros juniores, 10 seniores, 3 dirigentes e 6 aspirantes a juniores.

Anotámos as precisas informações que nos iam sendo dadas e prosseguimos:

E quantas patrulhas tem em actividade.

—Presentemente temos 5 patrulhas: «Viriato» e «Infante D. Henrique», seniores, e «Leão», «Andorinha» e «Jaguar», juniores. Esta última, porém, está prestes a ser dissolvida, pois os três escoteiros que dela fazem parte passarão em breve à divisão sénior.

Estava terminado o primeiro ciclo das nossas perguntas. Agradecemos ao Chefe Lino a concisão das suas respostas e passámos logo à fase que se seguia:

—Sobre actividades, que tem feito o 53 ?

Consultando os seus apontamentos o Chefe do 53 responde :

—Durante esta época efectuámos 10 acampamentos de fim de semana com uma média de 20 escoteiros e aspirantes presentes. Também tivemos uma sessão de cinema e uma festa a que o« *S. P.*» num dos últimos números se referiu...

Enquanto nos iam sendo fornecidas estas informações, recordámo-nos daquelas excelentes sessões de arte dramática que o 53 em tempos nos ofereceu. Não resistimos à tentação de perguntar se o grupo voltaria a dedicar-se a esses úteis trabalhos. O Chefe Lino, satisfeito, elucida prontamente:

—Pode dizer no «*S. P.*» que o meu grupo não abandonou essas actividades. Muito brevemente contamos apresentar uma nova sessão teatral...

Satisfeitos com o espírito empreendedor que este nosso amigo demonstrava, perguntámos interessados:

—Tem presentemente planos de trabalho?

—Ó meus amigos, — responde com aquela franqueza que lhe é peculiar o Chefe Lino,—quanto a planos de trabalho prefiro ficar calado e ir fazendo o que se puder lentamente. E olhem que tem sido esta lentidão que nos tem aguentado há 15 anos...

Compreendemos a alegação e inquirimos se tinha alguma iniciativa em curso. A resposta foi pronta:

—Presentemente estamos arranjando uma dependência da escola primária da igreja a que estamos anexos. Além disso, estamos a preparar uma sala de jogos e o programa da festa do nosso aniversário. Ainda temos outro projecto, uma iniciativa de que queremos guardar segredo, pois é uma surpresa. E é tudo quanto lhe posso dizer. A falta de tempo não nos permite iniciativas de grande envergadura...

Anotámos com interesse a nova de uma surpresa do 53. Que será? Cá ficamos à espera. Disparámos mais uma pergunta:

—E as relações com a igreja a que estão anexos decorrem normalmente?

—As relações são óptimas—responde o Chefe Lino sem hesitar. — Há mesmo uma tendência de colaboração tanto espiritual como material.

Estávamos chegados ao fim da nossa entrevista. Perguntámos ainda se a situação financeira do grupo era boa. Desta vez é Mário Rocha Santos que nos responde:

—Não será excelente, mas é muito razoável. As nossas fontes de receita são os sócios auxiliares, festas e donativos. Os escoteiros pagam cotas para as suas patrulhas, que têm a seu cargo todas as despesas que lhe dizem respeito. Com estes meios vamos fazendo frente às nossas despesas.

Agradecemos todas as informações prestadas por estes amigos e irmãos-escoteiros, assim como as amabilidades com que nos cumularam. O Chefe Lino, por sua vez, teve para connosco palavras de muita simpatia, terminando por dizer:

—Faço votos para que estas entrevistas que o «*S. P.*» está a fazer, venham trazer algum proveito ao escotismo lisbonense...

Fomos visitar em seguida as patrulhas.

Fomos recebidos pela «Andorinha» em primeiro lugar. O seu guia, Fernando Carvalho, rapaz esperto, mostrou-nos o armário e o material que lhe está confiado. Fomos também ver as obras de um lago que a patrulha está a fazer para aí colocar peixinhos de água doce. O guia confiou-nos que em seguida a esta actividade a patrulha construirá uma estufa para cultura de plantas.

A «Leão» apresentava o seu armário muito em ordem, mas o sub-guia Armando Silva, informou-nos que presentemente não tem actividades em projecto.

A «Jaguar», moribunda, é-nos mostrada por João Carlos Mamede, que nos apresenta medalhas e trofeus ganhos em concursos inter-grupos.

A «Viriato» tem por guia o nosso amigo Samuel Vieira, escoteiro de 1.ª classe, presentemente prestando serviço militar. O substituto E. S. Adelino da Cunha apresentou-nos um livro de patrulha, que contém, além do cadastro de cada escoteiro, uma ficha de saúde. No campo de actividades, está ultimando os trabalhos de construção de um aparelho de morse que permitirá transmissões entre salas diferentes da sede do grupo.

A Patrulha «Infante D. Henrique», cujo guia é o nosso amigo Rui Cunha, que brevemente vai receber a 1.ª classe, está colaborando àctivamente nos trabalhos do grupo, tem em projecto um laboratório fotográfico. Efectuaram este ano um passeio a Caneças e dois acampamentos de patrulha.

Era já bastante tarde quando terminámos a nossa visita ao 53. Satisfeitos com o bom acolhimento, retirámo-nos com a impressão de que este grupo é um dos melhores da capital e tem bases firmes para se desenvolver ainda mais. As comemorações de seu XV aniversário que se efectuam em 1 de Dezembro serão uma oportunidade para confirmar esta nossa impressão.

• • o • •

## Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

**De luto**—Encontra-se de luto o nosso estimado assinante e antigo Sub-Chefe do Grupo 2, Sr. Mário Pedroso Lima e sua Esposa Sr.ª D. Belmira Rosa Pedroso Lima, pelo falecimento de seu filho, o Menino Alberto Pedroso Lima, lamentàvelmente atropelado em 7 de Outubro na Penha de França, a quem o «*Sempre Pronto*» apresenta a expressão do seu muito pesar.

● Em Sintra faleceu em 10 de Outubro o Sr. Dr. Jacinto Carreiro, antigo Presi-Presidente e Fundador do Grupo n.º 93 de Sintra e amigo dedicado do Escotismo. Deixa viúva a Sr.ª D. Aida Pacheco Carreiro à quem o «*Sempre Pronto*» apresenta condolências, bem como a seu filho Sr. Dr. Paulo Carreiro.